

PATRIMÓNIO

A Rua da Sofia é Património da Humanidade há cinco anos, mas pouco se nota

A Universidade de Coimbra viu aumentar exponencialmente o número de turistas desde a classificação da UNESCO, em 2013. Mas fora desse núcleo patrimonial da Alta o panorama é menos brilhante.

CAMILO SOLDADO · 23 de Junho de 2018, 8:07



NELSON GARRIDO

Não há um único sinal, nem uma única inscrição, a indicar que quem passa pela rua de Coimbra desenhada a partir do modelo da Sorbonne, em Paris, está a caminhar por uma zona que foi classificada Património da Humanidade em Junho de 2013.

A cidade assinala neste fim-de-semana os cinco anos da inscrição pela UNESCO do conjunto Universidade, Alta e Sofia com um programa de eventos culturais, o Sons da Cidade. Mas se na Alta a afluência de visitantes é notória, com o conjunto patrimonial da Universidade de Coimbra (UC) a bater máximos de bilheteira de 2013 para cá, na Rua da Sofia o cenário é outro.

A artéria rasgada em 1535 para que ali fosse instalada a Universidade de Coimbra (plano que acabou por não se concretizar) não sente o efeito da classificação. Quem vai de passagem não tem maneira de se aperceber da importância do edifício. “A maior parte das pessoas nem percebe porque é que a Rua da Sofia é um dos perímetros classificados. A rua é ilegível do ponto de vista do seu valor patrimonial”, afirma ao PÚBLICO o arquitecto e professor universitário Walter Rossa. Para alterar essa realidade, seriam necessárias várias medidas, desde a introdução de sinalética sobre o seu legado enquanto património à transformação radical das suas funções, para que pudesse deixar de ser “uma via rápida”, refere o também titular da cátedra UNESCO Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa.



Na Rua da Sofia, o impacto da classificação da UNESCO é mínimo CARLA CARVALHO TOMÁS/ARQUIVO

“Na verdade hoje não é uma rua, é uma estrada”, reconhece a presidente da Associação RUAS – Recriar a Universidade, Alta e Sofia, Clara Almeida Santos. A sinalética, refere a responsável por esta associação que foi criada para salvaguardar, promover e gerir o património classificado, ficou a cargo da autarquia, uma vez que será instalada em espaço público.

O presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Manuel Machado, adianta que a sinalética se encontra prevista no Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano, estando “para breve” o contrato de financiamento. Questionado pelo PÚBLICO sobre o facto de terem passado cinco anos desde a classificação, o autarca responde: “Isto não é carregar num botão e sai tudo.” A pedonalização parcial da Sofia, diz, depende de outra empreitada, a da Via Central, que poderá escoar o trânsito que hoje passa pela rua património. No entanto, essa futura via, cujo primeiro troço está a ser construído, está por sua vez dependente do Metro Mondego, um processo que se arrasta desde a década de 1990 e que ainda não tem prazo de conclusão.

No centro da Rua da Sofia, o restaurante Cova Funda não tem sentido uma maior afluência de turistas. “Não se nota nada”, responde ao PÚBLICO Nicolau Oliveira, dono da casa há 49 anos. “E se os há, não deve ser por causa da UNESCO. Os turistas passam por aqui como passam pela Baixa.” Vai até à soleira da porta e aponta para os edifícios classificados que estão fechados: “Vejo-os parar, não os vejo entrar em lado nenhum”, ilustra.

Não há visitantes, mas também não há o que visitar. Pelo menos nos moldes actuais. Parte dos edifícios classificados está nas mãos de privados e outros, como o Colégio da Graça e o Colégio de S.

Tomás de Aquino, têm utilização institucional. O Colégio da Graça está sob a alçada da Universidade de Coimbra – que recentemente ali instalou um pólo do Centro de Estudos Sociais e o Centro de Documentação 25 de Abril – mas também é utilizado pela Liga dos Combatentes. Há ainda uma parte do edifício, devoluta, que pertence ao Ministério da Defesa. O Colégio de S. Tomás de Aquino serve de Tribunal da Relação desde 1930. Outros edifícios, como os colégios de S. Boaventura e do Espírito Santo, servem para habitação e comércio.

Clara Almeida Santos sublinha que os “edifícios classificados não têm todos de estar abertos ao público”, mas reconhece que “falta identificá-los e contar a sua história”.

Na óptica de Walter Rossa, faltam também “uma acção estratégica” e “uma coordenação entre as diversas instituições”. Algo que poderia ajudar à transformação da Sofia, que, não possuindo a atracção da Alta universitária, tem outros pontos fortes: “é plana, é larga, os edifícios têm pátios e claustros, está muito mais perto das estações de caminho-de-ferro, da [central] rodoviária”. Resumindo, tem uma série de elementos “interessantes para uma intervenção”, sendo que os privados poderiam também ser “trazidos para as causas do património”, com “incentivos”.

Crescimento exponencial

Na Alta da cidade, também ainda não foi instalada a sinalética a indicar os edifícios classificados. Mas o núcleo mais antigo da universidade, o principal ponto de atracção, não se ressentiu disso. O número de turistas aumentou exponencialmente, mostram os dados fornecidos pela UC: eram 192 mil em 2012, foram 502 mil em 2017. Apesar de todos os anos ter verificado subidas na casa das dezenas de milhares, Luís Menezes, o vice-reitor para o turismo da UC, estima que em 2018 o valor estabilize.

Contudo, ainda há margem ainda para o crescimento da receita, através da “actualização de preços, do ajustamento dos programas e da aposta nas lojas de *merchandising*”, diz ao PÚBLICO. No ano passado, a instituição arrecadou 4,7 milhões de euros com as entradas nos circuitos da universidade, uma receita que em 2012 era apenas de um milhão. Esse bolo representa agora 5% do orçamento total da UC, o que permite investir parte na reabilitação do edificado, explica o responsável.

Um crescimento tão acelerado num tão curto espaço de tempo obrigou a alguns cuidados. O aumento de visitas à Biblioteca Joanina, por exemplo, levou a que ali tivesse de ser instalado um sistema de controlo e monitorização em tempo real das condições do espaço, ao qual, esclarece Luís Menezes, acrescem os sensores que medem parâmetros como temperatura, humidade e partículas no ar.

O delegado em Coimbra da Associação da Hotelaria, Restauração e Similares, José Madeira, nota um efeito positivo desse aumento da afluência de turistas, mas lamenta que o aumento de visitas da universidade não se reflecta mais nas estadias. O responsável, que

também é dono do Hotel Oslo, na Baixa da cidade, aponta que a maioria dos turistas vem em excursão de autocarro e vai-se embora no mesmo dia.